



RIO SÃO FRANCISCO: TRANSPOSIÇÃO E MORTE

Altair Sales Barbosa

A pressa desenfreada para iniciarem as obras da transposição do rio São Francisco, se enquadra atualmente nos moldes ditados pelo modelo econômico, que rege a política brasileira, visando a expansão de fronteiras agrícolas para atender as exigências do capital internacional, sem a devida preocupação com as conseqüências ambientais e sociais para o futuro regional e mesmo para o futuro do planeta.

Em que consiste a transposição.

O atual projeto de transposição do rio São Francisco, consiste na construção de dois eixos adutores, que se interligam a eixos adutores menores, dispersos em várias direções. O primeiro eixo denominado Eixo Norte, terá segundo dados oficiais 402 quilômetros de extensão, por 25 metros de largura e 6 metros de profundidade. Será totalmente construído em massa concreta. Entretanto, dados não oficiais informam que este eixo terá uma extensão superior a 600 quilômetros, não contabilizando os adutores colaterais.

A água que abastecerá o eixo, será bombeada para o canal a partir da cidade de Cabrobó e passará prioritariamente por terras do Estado do Ceará e Rio Grande do Norte.

O segundo eixo se denomina Eixo Leste e de acordo com dados oficiais terá uma extensão de 220 quilômetros em linha reta, tomando como orientação o eixo principal. Todavia, este eixo se une a um emaranhado de eixos menores, cuja somatória total ultrapassa os 1.000 quilômetros. Passará em terras dos Estados de Pernambuco e Paraíba. Sua captação se fará através de bombeamento de água, a partir da represa de Itaparica. A construção toda em concreto terá as

mesmas características do Eixo Norte, com 25 metros de largura por 6 de profundidade.

Este sistema de transposição afetará drasticamente a dinâmica do rio São Francisco e toda sua bacia, que é formada por rios senis, que já atingiram seu estado de equilíbrio. Este estado já foi afetado algumas vezes pela construção de barragens. As consequências do sistema de transposição serão danosas e num curto espaço de tempo levará à morte a maioria dos afluentes do São Francisco, incluindo o próprio rio. Isto acontecerá, porque com a dinâmica alterada o transporte de sedimentos arenosos aumentará de forma assustadora, gerando dentre as consequências o assoreamento, já que a maioria dos afluentes do São Francisco corre por áreas da Formação Urucuia, cuja característica principal é a ocorrência de um arenito frouxo.

A transposição da forma como se nos apresenta, aumentará também a velocidade dos rios na sua calha principal, isto provoca em todos os afluentes o fenômeno denominado sugamento dos aquíferos, que serão sugados em velocidade maior para alimentarem os rios agora mais velozes desde seus cursos superiores.

Como já é conhecido, em função da retirada da cobertura vegetal nativa para monocultura, os aquíferos não estão sendo recarregados como deveriam e de ano em ano diminuem em seus níveis. O sugamento funcionará como um aspirador sugando a última poeira dos cantos de alguns aposentos que alguém esqueceu de varrer.

A Importância dos Aquíferos e Afluentes

Os afluentes da margem esquerda são os principais responsáveis pela perenização do rio São Francisco, são também responsáveis pela sua oxigenação e em última instância pelo seu nascedouro e existência. A água armazenada neste grande espaço geográfico, abrange desde a Serra da Canastra ao sul, até a Chapada das Mangabeiras ao norte e se limita a oeste pelo Espigão Mestre que separa Goiás e Tocantins de Minas e Bahia. Nos Chapadões formados a leste do Espigão Mestre, existem grandes depósitos de arenito que constituem a Formação Geológica denominada Urucuia, de idade Cretácea, formada entre 140 a 65 milhões de anos. A formação Urucuia repousa sobre a Formação Bambuí, Calcário da Era Pré-Cambriana e Paleozóica Inferior, com idade média de 1 bilhão de anos. Essas duas formações geológicas, armazenam água que formam dois grandes aquíferos, respectivamente denominados Bambuí e Urucuia. Na realidade, se prestarmos bem atenção muitos afluentes do São

Francisco nascem emendados com afluentes que correm na direção de outras bacias, o que nos leva a concluir que as bordas do aquífero Guarani integra também este complexo responsável pelas águas que fazem jorrar a nascente do São Francisco e de todos os seus afluentes da margem esquerda, que em função de secções geomorfológicas estão agrupadas em dois grandes conjuntos.

O primeiro se situa desde a Serra da Canastra em Minas Gerais até a Serra da Capivara, na fronteira entre Minas Gerais e Bahia. O segundo se situa desde esta Serra até os contrafortes da Chapada das Mangabeiras, na fronteira entre Bahia, Tocantins, Piauí e Maranhão.

Entre os rios do primeiro conjunto, se destacam o rio Abaeté, o rio Paracatu, o rio Urucuia, e o rio Pardo. A partir da Serra da Capivara, um aglomerado de capilares, aquosos formam importantes rios como o Carianha, que deságua diretamente no São Francisco, e uma série de outros importantes cursos d'água, como rio Pratudão, rio Pratudinho, rio Arrojado, rio Correntina, rio do Meio, rio Guará etc., que nas proximidades de Santa Maria da Vitória, todos se juntam dando origem ao rio Corrente, que deságua no São Francisco, nas proximidade de Bom Jesus da Lapa.

Mais ao norte, outro grande conjunto de inúmeros capilares aquosos, que vem desde o Jalapão, se juntam num imenso volume de águas, dando origem ao rio Grande, que deságua no São Francisco na cidade de Barra.

Todos êsses rios são perenes durante toda época do ano.

Até cerca de 30 anos atrás, o volume deles era no mínimo 5 vezes maior que o volume atual.

A partir da década de 70, as áreas dos chapadões onde se situam as nascentes e os cursos médio desses rios, vêm sofrendo uma grande transformação, com a retirada da cobertura vegetal natural, para a plantação de grãos e outras plantas exóticas. Este fato tem impedido a realimentação normal dos aquíferos, contribuindo para o desaparecimento de inúmeros afluentes menores e a diminuição drástica do volume dos cursos maiores. Em outras palavras o sistema de capilaridade aquosa, está sendo drasticamente afetado.

A maior parte dos afluentes da margem direita do rio São Francisco é formada por rios temporários, ou sazónários, rios que costumam desaparecer na estação seca. Este fenômeno é mais freqüente no norte de Minas e no Estado da Bahia.

O rio mais importante pela sua margem direita, que não é temporário, se localiza próximo à sua nascente. Trata-se do rio das Velhas, que carrega para o São Francisco, todo o esgoto de Belo Horizonte. Por isso é que se afirma que os afluentes da margem

esquerda são responsáveis não só pela perenização do rio, mas também pela sua oxigenação.

A partir do século XVIII, o panorama regional começou a sofrer sensíveis modificações, em virtude do incremento da colonização que se embrenha pelo interior do País, à busca de ouro, pedras preciosas e índios escravos. Nesse contexto, e a partir dessa data, surgiram os primeiros aglomerados urbanos e a exploração mais intensa dos recursos minerais que começava a se incrementar, já provoca os primeiros sinais de degradação. Findo o ciclo da mineração, a região de cerrado da bacia do São Francisco permaneceu economicamente dedicada à criação extensiva de gado e à agricultura de subsistência.

Alguns desses modelos econômicos chamados de agricultura familiar ainda existem em espaços localizados até os dias atuais, e outros modelos, ainda mais simples, baseados no extrativismo, são também adotados por populações caboclas e ribeirinhas, habitantes atuais de espaços definidos.

O isolamento que a região manteve em relação às áreas mais populosas e economicamente dinâmicas do Brasil, até meados da década de 50, fez com que este quadro permanecesse basicamente inalterado, fato que a implantação de Brasília alterou consideravelmente, desestruturando os sistemas sociais implantados, e causando entropias de ordem biológica global.

O incentivo oficial, através de verbas internacionais, para a pesquisa aplicada, visando a produtividade demonstrou que a área dos chapadões por onde nascem e correm os principais afluentes do São Francisco, com muito insumos poderia se transformar num potencial agrícola de dimensões grandiosas, associado ao fato de ser uma das últimas reservas da terra capaz de suportar, de modo imediato, a produção de grãos, cereais e a formação de pastagens e canaviais. Este fato atraiu recentemente grandes investimentos, criando modificações significativas, do ponto de vista da infra-estrutura de suporte. Fenômenos que tomados em conjunto, têm provocado situações ecologicamente nocivas, com perspectivas preocupantes a nível regional e global.

A causa fundamental desta situação pode ser creditada ao modelo econômico que se instalou, voltado para o lucro imediato, sem nenhuma preocupação com as questões globais do meio ambiente e o conhecimento necessário do funcionamento da dinâmica da ecologia do cerrado. Também pode-se associar a este determinante a falta de ações integradas de pesquisa técnico-científica para o conhecimento holístico das interações ambientais existentes, que tem causado a ausência de propostas concretas de zoneamento ecológico, com ênfase sócio-

econômica e planejamento global do uso dos recursos naturais da terra. Em suma a pesquisa ficou voltada apenas para a produtividade, em nenhum momento se pensou na pesquisa visando a preservação.

Se os fatos continuarem no ritmo em que estão e na orientação que se segue, em breve situações irreversíveis vão acontecer em diversos pontos, contribuindo para a erosão do potencial humano, criando situações subumanas e extinguindo um patrimônio genético vegetal e animal, de fundamental importância, inclusive para a autocompreensão da humanidade.

A pior consequência porém, é a diminuição dos aquíferos e, num futuro bem próximo o desaparecimento dos rios. A revitalização em áreas de cerrado que já atingiu o seu apogeu evolutivo, atualmente não passa de um discurso vazio e requer informações que a ciência ainda não possui. Por tudo isto é extremamente perigoso efetuar a transposição de um rio com a história evolutiva do São Francisco.